

A PRESENÇA MEDITERRÂNEA NO MUNDO INTERIOR BEIRÃO, CENTRO DE PORTUGAL (SÉCS. XI/X - VII/VI A. C.)

Raquel Vilaça

*Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra e Porto (Ceaucp-FCT)*

RESUMO

No Centro Interior do território português (regiões de Viseu, Guarda e Castelo Branco) circularam, entre os sécs. XI/X e VII/VI a.C., diversos artefactos de origem e/ou de inspiração mediterrânea. Neste texto, esses elementos são identificados e caracterizados ao mesmo tempo que se analisam sucintamente os respectivos contextos de uso e de distribuição. Novos produtos, como o ferro e o vidro, para além do recurso ao método da cera perdida aplicado na decoração, são contemplados. Por opção, a abordagem é minimalista, circunscrita a artefactos (dos quais se excluíram ainda os ponderais), não à sua imagem ou representação, nomeadamente em estelas. Partindo do que se conhece do mundo indígena daquela região no Bronze Final e Ferro Inicial, procura-se avaliar o impacto que terão tido tais testemunhos, numa e em outra fase, bem como o seu significado no quadro do Ocidente peninsular. Se para a segunda fase é prematuro avançar com grandes certezas, por escassez de dados, para a primeira conclui-se que as regiões analisadas parecem ter revelado grande “disponibilidade” de assimilação e selecção, aliada à capacidade de intervenção num processo cultural em curso.

ABSTRACT

Several artifacts of Mediterranean origin or inspiration circulated in the central mainland of Portuguese territory (regions of Viseu, Guarda and Castelo Branco), between the XI/X and VII/VI centuries BC. This paper identifies and characterizes these elements alongside with a brief analysis of their use and distribution contexts. New products, such as iron, glass, and the lost wax's method applied to decoration are reviewed. By choice the approach is short, focused solely on artifacts (excluding the Weight-units) and not on their image or representation in stelae. Departing from what is known of that region's indigenous world, during the Bronze Age and beginning of Iron Age, it is attempted to evaluate the impact of such evidence over both phases, as well as its significance in the Iberian Peninsula's west. If for the second phase it is premature to advance great certainties, due to the lack of data, for the first it is concluded that the analyzed regions seem to have revealed great “availability” of assimilation and selection, coupled with the ability to intervene in an ongoing cultural process.

1. Introdução

Na última década identificaram-se na Beira Interior — regiões de Viseu, Guarda e Castelo Branco — vários elementos de origem e/ou inspiração mediterrânea atribuíveis aos finais da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro. Boa parte deles resultou de programas de escavação desenvolvidos por investigadores das Universidades de Lisboa e de Coimbra.

O principal valor desses testemunhos assenta no facto de serem bem conhecidos e precisos, cultural e cronologicamente, os respectivos contextos, na maioria suportados por datas de Carbono 14 (Vilaça, 1995; 2006; Senna-Martinez, 2000).

Por outro lado, Baiões (S. Pedro do Sul), que durante algum tempo foi a “face” do Mediterrâneo no mundo interior beirão deixou, de ser um caso isolado, não obstante a sua singularidade e importância ímpar, como vários investigadores bem têm sublinhado.

Além disso, outros achados, alguns já antigos, ou recolhidos ocasionalmente em prospecções, foram, entretanto, valorizados (Carreira, 1994; Vilaça, 2004).

No conjunto, são treze as estações onde encontramos tais testemunhos (**Fig. 1**), todas elas correspondentemente a sítios de habitat, aspecto que importa, desde já reter.

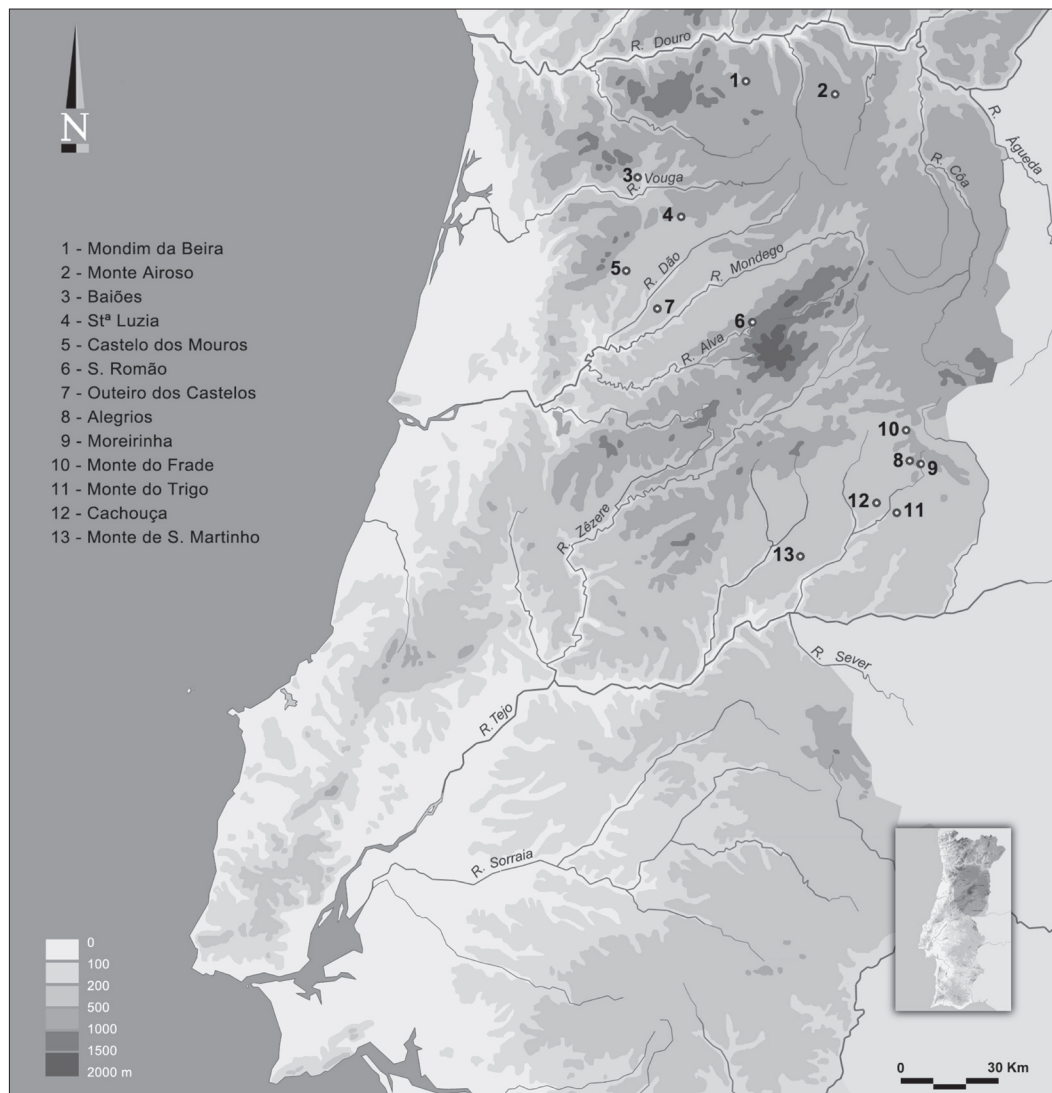


Fig. 1. Estações referidas no texto

Com excepção de um caso, — a Cachouça (Idanha-a-Nova) —, com ocupação do Bronze Final e Ferro Inicial (sécs. VII-VI a. C.), os demais casos situam-se numa inequívoca plataforma cronológica centrada nos sécs. XI/X a. C., portanto anterior à barreira de meados/finais do séc. IX a. C., que marca os inícios da presença fenícia na Península (Aubet, 1994; Torres Ortiz, 1998).

Este texto tem como objectivo apresentar, de forma sucinta e sistematizada, a informação disponível e, em parte, inédita, à data da sua redacção. Entretanto, outras reflexões com temática afim foram dadas ao prelo (Vilaça, 2007; 2008).

2. Artefactos, estilo, tecnologia, contextos e cronologia

Não é fácil, ou nem sempre é fácil, identificar a origem dos artefactos.

Não se aborda aqui a problemática da distinção entre originais, modelos, cópias ou re-elaborações indígenas, por não nos sentir-mos suficientemente preparados para o fazer, mas também porque nem sempre as análises estilísticas e tecnológicas são capazes de resolver o problema. Temos, porém, consciência de que a tecnologia, não se copia, aprende-se, com todas as consequências que tal implica.

Pelo contrário, as formas e o estilo podem imitar-se com mais ou menos êxito, ou podem, propositadamente, ser copiadas com intencionais diferenças para mostrar que são produções próprias. O famoso carro de Baiões, que, obviamente, não faz parte do universo ideológico indígena, de raiz atlântica, mas para o qual também parece não existirem paralelos directos no Mediterrâneo, caberia bem nesta discussão.

Também não nos deteremos naqueles elementos, como os escudos com escutaduras em V, presentes nas estelas de Baraçal e Fóios (Sabugal), de Meimão (Penamacor), ou na Rocha 29 do Cachão do Algarve (Vila Velha de Ródão), nem nas conhecidas figuras com capacetes de cornos que vemos numa das estelas de S. Martinho (Castelo Branco) — mas também nas figurinhas de bronze dos guerreiros sardos —, nem nos fragmentos de caldeirões, presentes em Baiões (S. Pedro do Sul), Santa Luzia (Viseu), Buraco da Moura de São Romão (Seia), Monte Airoso (Penedono), Cachouça (Idanha-a-Nova) e Monte de São Martinho (Castelo Branco), cuja origem não merece, ainda hoje, concordância plena entre os especialistas.

Até porque, a origem pode ser uma, e mesmo bem identificada, como ficou demonstrado a propósito das contas de colar de âmbar báltico da Moreirinha e de Baiões (Vilaça *et al.*, 2002), o que não significa qualquer contacto linear, e menos ainda directo, entre as duas regiões. Afinal, também elas poderiam ter chegado com alguns dos restantes materiais que são objecto desta comunicação.

Tão-pouco abordaremos a problemática da existência de sistemas de pesos de origem mediterrânea em contextos indígenas ocidentais anteriores ao séc. IX a. C., e do seu uso, não obstante as peças classificáveis como ponderais da Moreirinha, Monte do Trigo ou Baiões (Vilaça, 2003).

Por conseguinte, este nosso contributo tem por base uma orientação propositadamente minimalista, circunscrita a artefactos, não à sua imagem ou representação, que, pela forma, matéria-prima ou estilo, são estranhos ao universo indígena, de matriz atlântica.

Fíbulas

Hoje, é bem sabido que são as fíbulas os elementos de âmbito mediterrâneo mais frequentes em contextos do Bronze Final do Ocidente peninsular. E são também aqueles que conheceram um maior êxito em termos de imitações, adaptações e criações próprias.

No mundo beirão, as fíbulas publicadas distribuem-se pela totalidade das estações assinaladas na Fig. 1 e integram-se no tipo de “arco multicurvilíneo”, por vezes também designado de “cotovelo”, ou tipo “Ponte 1” (variantes *a* e *b*) (Ponte, 2001, p. 113-118). Alguns fragmentos, nomeada-



mente de espiras, sugerem que estará igualmente presente o tipo “Ponte 3” ou de “dupla mola”.

Um dos exemplares de Baiões, um outro de St.^a Luzia (Viseu) (Ponte e Vaz, 1989) e o de São Romão (Seia) (Gil *et al.*, 1989, p. 237) correspondem à variante “Ponte 1 a”; os de Mondim da Beira (Vasconcelos, 1933: 45-46; Carreira, 1994) e Monte Airoso (Penedono) (Cardoso, 2002, p. 354) à variante “Ponte 1 b”. Merece especial referência um dos exemplares de St.^a Luzia por ser de ouro revestida a vidro (Ponte, 2001, p. 114). Além destes exemplares, existe um outro dos Alegrios (Idanha-a-Nova), do tipo “Ponte 10 b”, proveniente de uma pequena sondagem que efectuámos, infelizmente de interesse reduzido (Vilaça, 1995, Est. CLXVII-6; Ponte, 2001, p. 185-186).

Outros povoados, como o Castelo dos Mouros (Viseu) (Pedro, 1995, Est. LXI-3), o Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal) (Senna-Martinez, 2000b, p. 56), o Monte de São Martinho (Farinha *et al.*, 1996, p. 48), a Moreirinha (Vilaça, 1995, Est. CCXLVI-20), o Monte do Trigo e a Cachouça, forneceram algumas espiras e fuzilhões de fíbulas, que poderão pertencer aos tipos de “arco multicurvilíneo” e de “dupla mola”.

Quase todos são achados contextualizados, oriundos de escavações. Mesmo nos casos de Monte Airoso e de São Martinho, tratando-se de recolhas de superfície, não deixam de ser significativas em função de outros achados nesses locais, como veremos.

Como é evidente, as fíbulas não só expressam uma novidade formal, como, necessariamente, alterações na forma de vestir, com significado social. E é bem possível, como já foi defendido, que a sua adopção tivesse sido acompanhada da importação de tecidos de luxo com padrões atraentes e complexos, os quais, de alguma forma, poderiam encontrar-se expressos nas cerâmicas pintadas e de ornatos brunidos do Bronze Final (Almagro Gorbea, 1992, p. 655; Cáceres Gutiérrez, 1997). Na Beira Interior essas cerâmicas, incluindo as pintadas de “tipo Carambolo”, e ao contrário das fíbulas, têm uma área de distribuição bastante mais limitada, na região de Castelo Branco.

Pinças

Durante muito tempo, as únicas pinças atribuíveis ao Bronze Final do território português circunscreviam-se aos dois exemplares da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), curiosamente bem distintas entre si: uma, bastante simples e de pequenas dimensões; a outra, de tamanho e elegância assinaláveis, com decoração na parte superior (Spindler *et al.*, 1973-74).

A Beira Interior veio alterar esta situação, uma vez que, também aqui foram identificadas pinças, para já um total de quatro (Fig. 2): duas do Monte do Frade, uma do Monte do Trigo e outra, inédita, de Monte Airoso. Esta última foi recolhida em prospecções; aquelas de contextos habitacionais dos sécs. XI-X a. C.

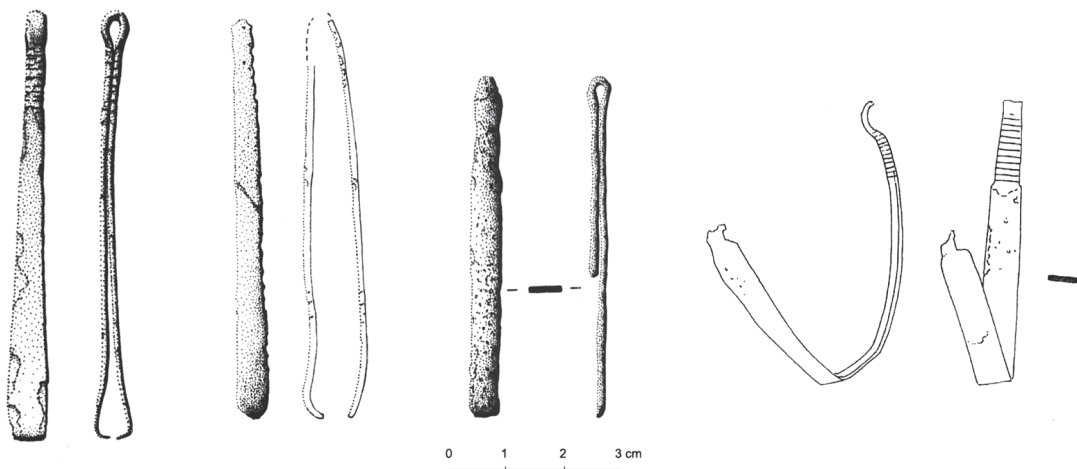


Fig. 2. Pinças do Monte do Frade (Penamacor), Monte do Trigo (Idanha-a-Nova) e Monte Airoso (Penedono)

As da Roça, porque pertencentes a um contexto funerário de exceção, junto ao litoral, e por muitos considerado de navegadores estrangeiros, nomeadamente sardos, faziam todo o sentido. Estas, porque provenientes de terras do interior e de contextos de habitat inequivocamente indígenas, fazem igualmente sentido, um outro, necessariamente: embora interior, o mundo beirão não foi lateral nem estava isolado; e, nesse mundo, o habitat foi, por excelência, o espaço de exercício e exibição de poder (Vilaça, 2000). Entre aqueles supostos navegadores e alguns dos “chefes” indígenas, talvez fossem mais as semelhanças do que as diferenças na forma de vestir e em termos de aparência.

Duas das pinças, uma das quais nervurada, pertencem ao Monte do Frade (Vilaça, 1995, p. 343; 1997, p. 34) e uma outra é do Monte do Trigo (Vilaça, 2000, p. 47). Nestes três casos são bem conhecidos os respectivos contextos, que foram escavados, e para os quais existem datas de C14, que nos remetem para os sécs. XI-X a. C.; corroboram as datas de C14 da Roça do Casal do Meio (Vilaça e Cunha, 2004).

O quarto exemplar, até agora inédito, é de Monte Airoso (Penedono)¹ e resulta de um achado de superfície, aliás como a fíbula atrás referida. Trata-se de uma peça bastante deformada, dobrada e fragmentada pela metade, possuindo ainda parte do olhal, junto ao qual existe um friso de onze linhas incisivas transversais.

Formalmente, estas pinças não diferem das que circularam, à época, no mundo mediterrâneo, integrando-se no tipo de pinças de olhal (Catling, 1964, p. 227-229).

Como bem sublinhou Ruiz-Gálvez Priego (1995, p. 139), as pinças faziam parte, conjuntamente com os pentes, dos cuidados pessoais a ter com a barba, e, por conseguinte, traduzem um novo padrão estético identificativo, em termos de idade, género e poder.

Bronzes com decoração entrançada

Uma das muitas novidades reveladas pelo designado depósito de Baiões foi a presença de bronzes com uma peculiar decoração entrançada ou em forma de Y, que lhes conferia um inequívoco “ar mediterrâneo”, de estilo sírio-cipriota, conforme observou Almagro Gorbea (1991).

Este tipo de decoração revela o conhecimento do uso do método da cera perdida, técnica todavia já dominada pelos artífices do Bronze Final do mundo atlântico (Armbruster e Perea, 1994, p. 79-80).

Mas Baiões também já não é exceção no que respeita este peculiar estilo. Tivemos oportunidade de identificar entre os materiais depositados no Museu de Francisco Tavares Proença (Castelo Branco) uma peça com idêntica decoração, recolhida, casualmente, em 1981, no Monte de São Martinho (Vilaça, 2004) (Fig. 3).

Trata-se de uma peça em forma de asa ou pega, constituída por um corpo central ligeiramente arqueado e profusamente decorado na face exterior: duas barras mais largas, decoradas, são ladeadas e separadas por outras três, lisas, exibindo aquelas uma decoração incisa, formando “espinha” (Vilaça, 2004). Semelhante a este bronze é um outro, completo, proveniente do Pé do Castelo (Beja) (Lopes e Vilaça, 1998)² (Fig. 4).

Estes bronzes envolvem uma série de questões, de diverso nível, a começar pelo mais primário, e que é o da sua funcionalidade específica. Parece-nos seguro o seu uso como pega — para puxar, erguer, aprumar ou suspender qualquer coisa —, que seria presa e fixada por meio dos anéis e/ou dos pequenos espigões.

¹ Por solicitação de Pedro Sobral, a peça foi-nos cedida para estudo, encontrando-se agora no Museu Municipal de Penedono.

² Foi ainda identificada uma terceira peça do mesmo tipo, mas reduzida a pequeno fragmento, proveniente de Pragança (Cadaval) (Lopes e Vilaça, 1998).



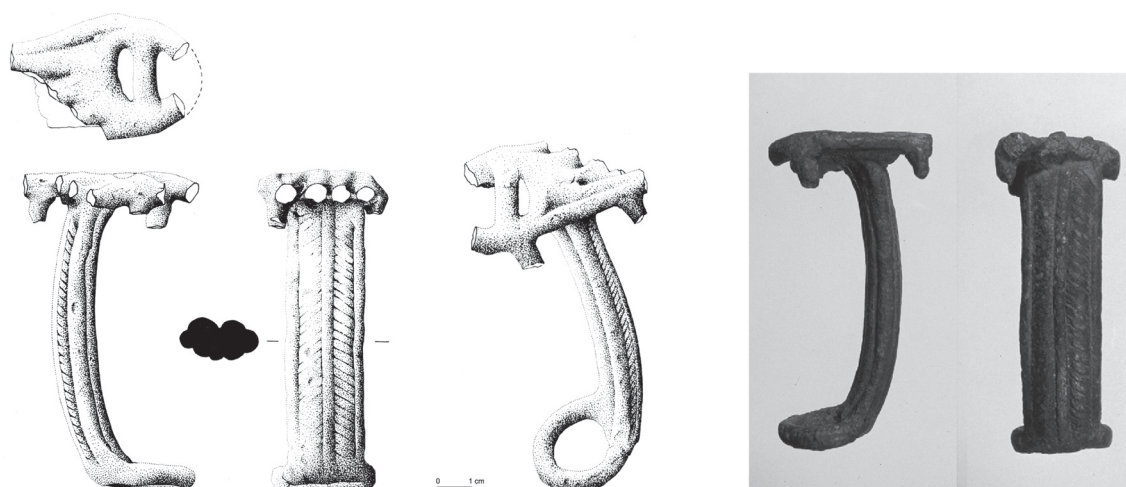
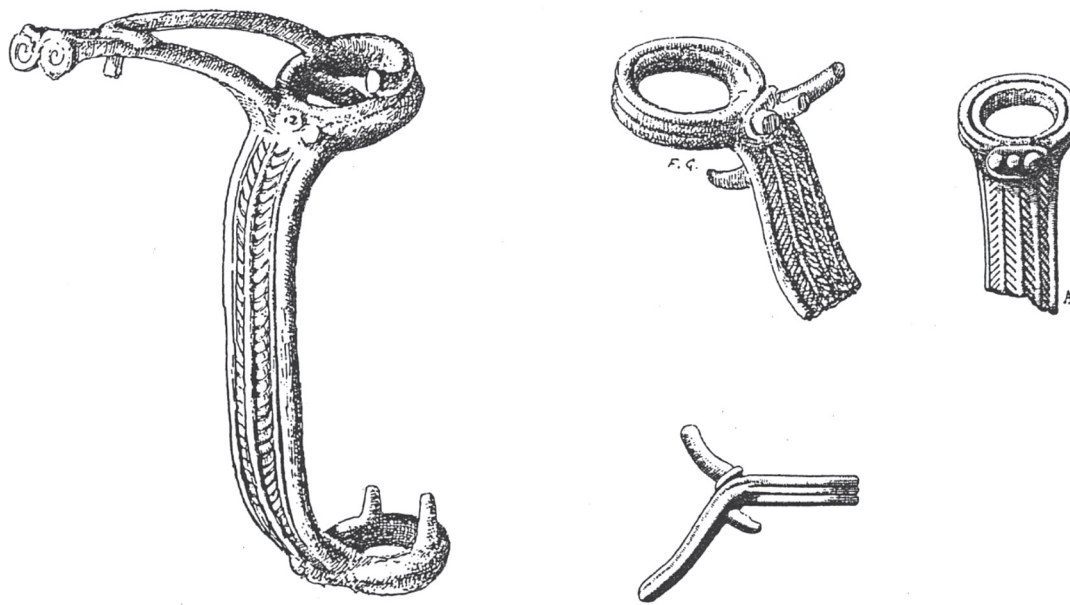


Fig. 3. Bronze do Monte de São Martinho (Castelo Branco)



Fig. 4. Bronze do Pé do Castelo (Beja)

401



(sem escala)

Fig. 5. Bronzes do depósito de Monte Sa Idda (Cagliari)

As peças portuguesas encontram os seus paralelos mais próximos no depósito de Monte Sa Idda (Cagliari) (Fig. 5) e que Taramelli admite serem esticadores de arco, na falta de explicação melhor³.

Se em termos funcionais é difícil ir muito mais longe, já o estilo decorativo, comum a todos os exemplares, é de inestimável valor, encontrando-se os respectivos protótipos bem definidos no que respeita o seu contexto espacial e cronológico. A decoração em Y ou entrançada, presente também nas trípodas sardas, levando-nos, em última instância, ao mundo oriental pós-micénico, mais precisamente à órbita levantina, que se manifestou em Chipre e na costa Sírio-Palestina, na fase que antecedeu a expansão fenícia, isto é, da charneira do II/I milénio a.C. (Lo Schiavo, 1988, p. 101-102; Karageorghis, 1990, p. 96-97; Almagro Gorbea, 1992).

Portanto, importa sublinhar que no Bronze Final, na Beira Interior, mas também no interior do Alentejo — que apesar de tudo é bem mais atlântico do que aparenta —, os ecos do Mediterrâneo, do mundo sardo-cipriota, fizeram-se sentir, também pela incorporação deste peculiar estilo, seja com importações genuínas, modelos sardos, ou reelaborações indígenas. Além do estilo, também as formas — os suportes rituais e a “pega” — expressam idêntica situação: exotismo.

Ferros

Nos inícios da década de 90 do século passado, Almagro chamou a atenção para a importância dos primeiros ferros do Ocidente Peninsular (Almagro Gorbea, 1993). As peças da Moreirinha e do Monte do Frade (Vilaça, 1995, p. 349-352) vieram sublinhar essa importância. Passada uma década, em função de achados entretanto ocorridos, sempre em contextos credíveis, e de novas reflexões, voltámos ao assunto (Vilaça, 2006).

³ “Dò il nome di tendiarco ai seguenti oggetti per i quali non so trovare una spiegazione migliori” e, mais adiante, “... del nostro presunto tendiarco”, e ainda, “non è facile la spiegazione dall’uso di questo oggetto frammentato” (Taramelli, 1921, p. 59).

Hoje contamos com cerca de 28 registos de peças de ferro, em regra fragmentadas e em medíocres condições de conservação, distribuídas por seis estações: Moreirinha com um total de oito peças correspondendo a lâminas de faca (**Fig. 6**) e de serra, algumas de dorso arqueado, por vezes com orifícios de rebites, e ainda um pedaço disforme; Outeiro dos Castelos de Beijós com cinco fragmentos de ferro, dos quais três correspondem a uma pequena faca afalcatada, sendo os outros inclassificáveis; Monte do Trigo com diversas lâminas de ferro, algumas serrilhadas, distribuídas por cinco conjuntos, três dos quais constituindo deposições bimetálicas; Monte do Frade, com uma lâmina de uma possível faquita; S.^a da Guia de Baiões com um cinzel de alvado, também bimetálico⁴, e hoje bastante danificado relativamente às suas condições físicas originais.

Temos lâminas de faca, de serra e um escopro, isto é, instrumentos de trabalho, portanto, com uma fraca variabilidade tipológica e funcional. Porém, predominam as facas, utensílios sem grande tradição no Ocidente Peninsular em contextos anteriores ao Bronze Final e, mesmo nestes, muito raros como bem observou Coffyn (1985, p. 178).

Foi possível fazer algumas análises metalográficas, da responsabilidade de Salvador Rovira e Ignacio Montero, que mostraram tratar-se de produções rudimentares de ferros brandos, com microdurezas de valores relativamente baixos. Portanto, não estamos num quadro revolucionário de adopção do ferro em virtude das suas vantagens tecnológicas (Vilaça, 2006).

Se é certo que considerámos estes primeiros artefactos de ferro como elementos de prestígio, quer pelo seu reduzido número, que, todavia, hoje já não se verifica, quer por se tratar de uma matéria-prima desconhecida e, por conseguinte, supostamente exótica, não deixamos hoje de nos interrogar até que ponto estes artefactos foram apreciados; muitas vezes, as novidades provocam rejeição ou indiferença, banalizando-se.

Além das estações mencionadas, a Cachouça também proporcionou diversos artefactos de ferro, mas é já outra a realidade patente. Pela tipologia, os ferros da Cachouça poderão ser, uns do Bronze Final, outros do Ferro Inicial. Além das lâminas de serra e de faca, uma das quais bimetálica, idênticas àquelas, temos também agora peças mais encorpadas, de maior dimensão, e incluindo novos tipos como um punhal e um possível cutelo ou roçadoira. Perde-se, portanto, a acentuada homogeneidade tipo-funcional verificada nos genuínos contextos do Bronze Final e, pela primeira vez, utiliza-se o ferro no fabrico de uma arma.

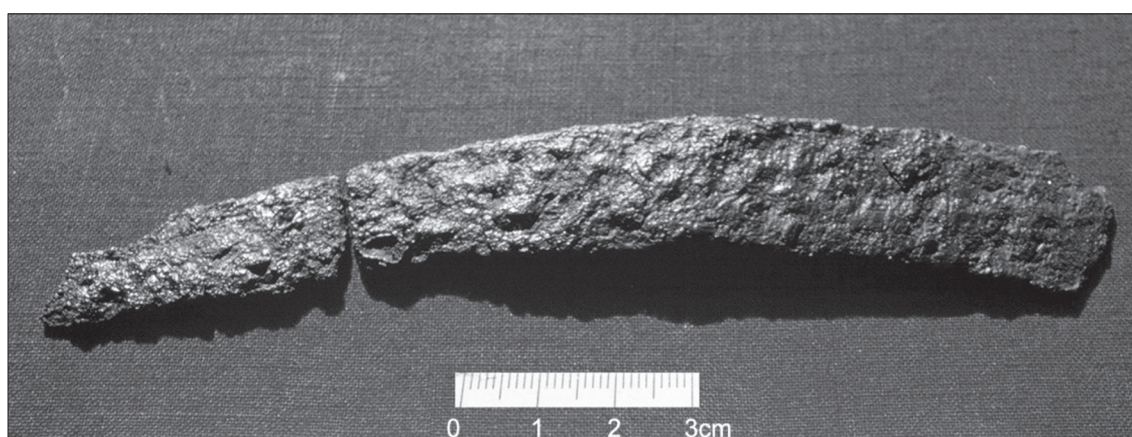


Fig. 6. Lâmina de ferro da Moreirinha (Idanha-a-Nova)

⁴ Originalmente, o seu comprimento máximo era de 0,83 cm, correspondendo c. 0,44 cm ao corpo do cinzel e c. 0,38 cm à lâmina; infelizmente, hoje, falta-lhe a maior parte da lâmina.

Dos dados da Cachouça, no seu conjunto, não se pode deduzir que tenha ocorrido uma rápida e generalizada substituição do bronze pelo ferro. A importância dos artefactos de bronze desta estação (cerca de 72 registos reportáveis a diversos tipos de artefactos) demonstra que, na mais pura tradição do Bronze Final, as produções e manipulação dos bronzes de cariz atlântico deverão ter ainda continuado, pelo menos em parte, nos sécs. VIII-VII a. C. Mas não é possível responder, de momento, se a manipulação de artefactos de ferro, uma vez conhecida no Bronze Final, se manteve, ou se tal foi algo meramente conjuntural, perdendo-se temporariamente, para ser recuperado só já avançado o I milénio.

Se for correcto tomar este exemplo como modelo para a região, o que é prematuro por ser caso único, teríamos de aceitar que a transição Bronze/Ferro foi mais um caso de continuidade, enriquecido com novas incorporações, do que de descontinuidade.

Um dado, ainda sujeito a confirmação, é o de que se poderá ter verificado a redução do ferro na Cachouça. A confirmar-se tal hipótese, estaremos perante uma ruptura tecnológica que afastará, irremediavelmente, este caso dos restantes. Nestes, importaram-se objectos; naquela ter-se-á aprendido a tecnologia, ainda que de qualidade muito rudimentar. A ser assim, o sítio indígena da Cachouça, interior e afastado dos centros peninsulares que à época sabiam produzir o ferro — as feitorias fenícias —, poderá demonstrar que a nova tecnologia terá sido divulgada em muito pouco tempo, projectando-se no interior, o que não significa que tenha sido, necessariamente, generalizada.

Vidros

Os primeiros artefactos de pasta vítrea conhecidos na região correspondem a contas de colar e são provenientes dos Alegrios, Monte do Trigo e Cachouça⁵ (Fig. 7).

A primeira estação forneceu uma conta de tom tijolo escuro, com diversas bolhas de ar, uma das quais rebentada; possui forma esférico-achatada e perfuração cilíndrica vertical (Vilaça, 1995, Est. CXLIV-6). Provém de um abrigo natural, entre penedos, com “câmara” e “corredor”, da área de habitat dos Alegrios — um pequeno espaço de provável carácter ritual⁶ —, onde também se encontraram duas outras contas de colar, de azeviche e de cornalina; não temos datas para este contexto, mas dele faziam parte os únicos exemplares de cerâmica de “tipo Baiões/Santa Luzia da estação (Vilaça, 1995, p. 169, 178-179, 199).

Do Monte do Trigo contamos com seis contas de colar. Uma delas, de tom azul, recolhida à superfície, presumivelmente de vidro, não foi analisada. Uma outra, recolhida na limpeza do terreno ao se removerem umas pedras soltas, é uma conta oculada em tom azul cobalto e incrustações a branco. Constitui, seguramente, uma das mais antigas importações deste tipo de contas no Ocidente Peninsular. As restantes provêm das camadas 1 e 2, correspondentes ao nível de abandono e de ocupação do Bronze Final, respectivamente. Destas merece especial atenção uma conta cilíndrica, ressulcada, de tom creme, revelando técnica de fabrico incipiente. As outras três, duas das quais fragmentadas, são subcirculares, de cor negra.

A Cachouça forneceu quatro contas de pasta vítrea provenientes das camadas 2 e 3, além de um pequeno fragmento de recipiente de vidro tricolor da camada 2 base. Uma das contas é subcilíndrica, de cor negra; outra, de especial interesse, é alongada e foi parcialmente derretida numa fase posterior, com oclusão do orifício; uma outra é de tom azul cobalto oculada a azul escuro e branco.

⁵ Do Monte de São Martinho são provenientes duas contas de colar de vidro recolhidas à superfície, de cronologia insegura, motivo pelo qual não as incluímos neste texto.

⁶ Este espaço foi violado e integralmente esvaziado antes de iniciarmos as investigações neste povoado; o material recolhido — dois pequenos pendentes de grauvaque, pequenos fragmentos de bronze, cerâmica diversa, nomeadamente de “ornatos brunidos”, além da já referida — resulta da peneiração das terras do interior do abrigo; terão sido também encontrados carvões e cinzas.





Fig. 7. Contas de colar e fragmento de recipiente de pasta vítrea dos Alegrios, Monte do Trigo e Cachouça (Idanha-a-Nova)

O fragmento de possível anforisco apresenta paredes lisas, mas a sua reduzida dimensão impede qualquer classificação morfológica segura; a decoração é em bandas azul escuro, azul cobalto e amarelo. A incorporação de elementos policromos como estes deverá ter impressionado os habitantes da Cachouça.

Particularmente problemática é a cronologia deste último fragmento, realizado com a técnica de núcleo de argila e areia. Quer o contexto, quer as datas disponíveis, não obstante os problemas que levantam, apontam, globalmente para um período anterior à primeira metade do séc. VI a. C. Mas, no Mediterrâneo Ocidental, as importações mais antigas deste tipo de peças, são normalmente atribuídas à segunda metade do séc. VI/ finais do V/IV a. C. (Feugère, 1989, p. 59, entre outros).

Cerâmicas a torno

As cerâmicas a torno mais antigas da Beira Interior são também provenientes da Cachouça e mereceram já um estudo pormenorizado (Vilaça e Basílio, 2000) (Fig. 8). Inserem-se nas cerâmicas ditas cinzentas finas polidas e constituem um grupo minoritário no conjunto dos materiais cerâmicos recuperados, representando 1,77% do total. Contabilizou-se um número mínimo de 21 recipientes, com 6 tipos tecnológicos e 8 tipos morfológicos distintos. As decorações, por norma ausentes, circunscrevem-se a caneluras pouco profundas.

Como já tivemos ocasião de referir, os paralelos mais próximos encontram-se, quer na Extremadura espanhola, quer sobretudo nos estuários do Tejo e Sado, nomeadamente em Santarém, Claustro da Sé (Lisboa), Almaraz (Almada), etc.

Entre alguns dos aspectos a sublinhar, conta-se a existência de uma descontinuidade relativamente às cerâmicas de tradição do Bronze Final ao nível da técnica de fabrico, da cozedura e da forma. A sua incorporação revela a aceitação não só de uma nova tecnologia, mas de uma estética formal e estilística desconhecidas.



Por outro lado, verifica-se uma selecção no repertório cerâmico a torno conhecido, quer no Baixo Tejo, quer na Extremadura. É significativa a total ausência de formas carenadas a torno talvez pela forte expressividade e tradição dessas formas no Bronze Final da região, e na Cachouça, a que não será igualmente alheio o exímio fabrico e acabamento das mesmas, que em nada ficam a dever aos fabricos a torno.

Sem análises às pastas, a sua proveniência inequívoca permanece em aberto, mas são mais as razões para pensarmos no estuário do Tejo, não obstante achados similares ocorridos no interior alentejano, no Alto do Castelhinho da Serra (Montemor-o-Novo) também proporcionaram “cerâmicas cinzentas finas” e outros materiais da 1ª Idade do Ferro, para além de testemunhos do Bronze Final (Gibson *et al.*, 1998, p. 193, 196, 202).

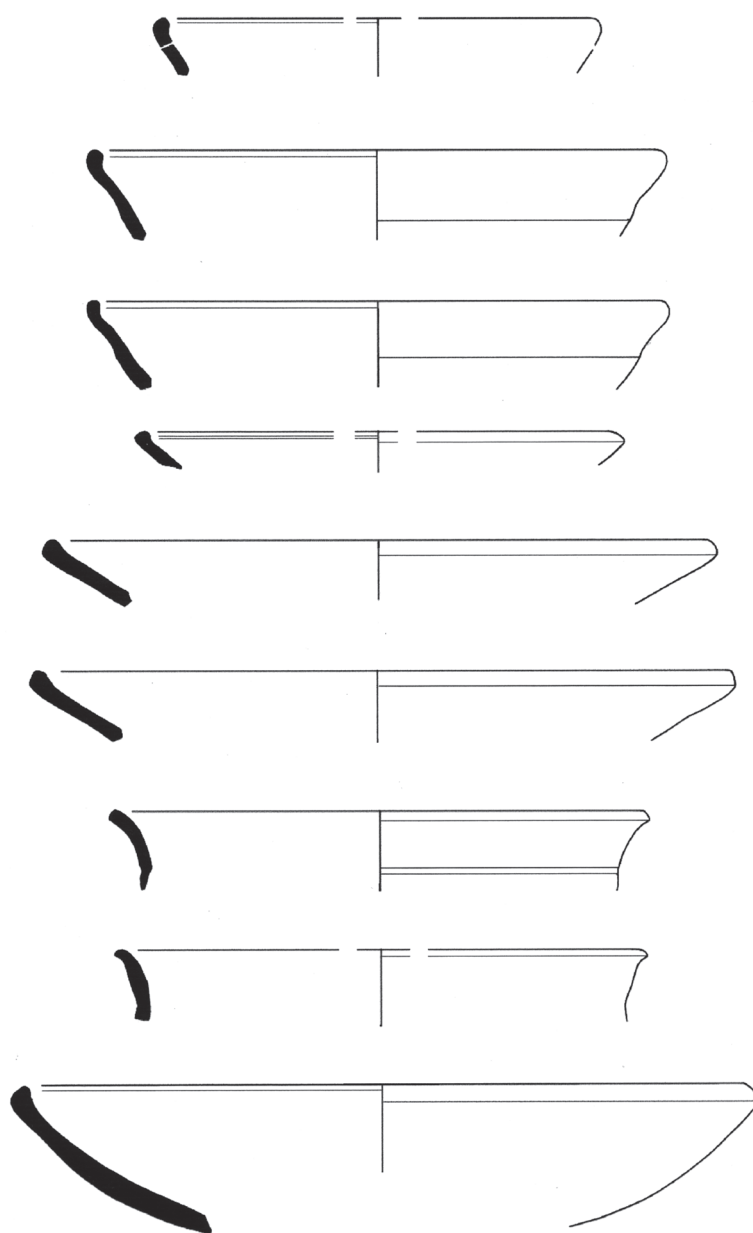


Fig. 8. Cerâmicas cinzentas finas, a torno, da Cachouça (Idanha-a-Nova)

Elementos figurativos zoomórficos

Interrompendo um longo período que atravessa toda a Idade do Bronze, será só na sua derradeira fase, que voltamos a encontrar no registo arqueológico alguns elementos figurativos, depois generalizados e diversificados na Idade do Ferro.

Na Beira Interior essas primeiras figurações, zoomórficas, surgem incorporadas em espetos articulados, como sucede com o de Baiões, com uma ave, e com o da Cachouça, com um quadrúpede. Desta estação existe ainda uma figurinha avulsa, em muito mau estado, de identificação incerta, talvez um canídeo, com focinho, orelhas e cauda particularmente destacadas.

O mesmo não sucede com a terracota desta mesma estação, já do Ferro Inicial, cujos paralelos em áreas particularmente influenciadas pelo mundo mediterrâneo são por demais evidentes (vg. El Carambolo, Morro de Mesquitilla). Trata-se de uma figurinha zoomórfica, incompleta, de identificação incerta, talvez um suíno (ou uma ave?), com perfurações destinadas à implantação de cerdas (ou de penas); tendo-se conservado a parte do dorso, maciço, de forma ovóide, com múltiplas perfurações de profundidades distintas; mede 7 cm por 4,7 cm (**Fig. 9**). No território português existe uma outra peça muito semelhante, também incompleta, de Neves I (Castro Verde), interpretada como sendo um suíno (Maia e Maia, 1986).

As figurações de aves fazem parte do repertório ideológico atlântico, e dos campos de Urnas, mas também do mundo mediterrâneo mais oriental. De resto, o mesmo sucede com a imagem dos cervídeos — o animal que possivelmente estaria representado no espeto da Cachouça —, igualmente relacionados com a simbólica funerária e de ressurreição. Neste caso, tal como em outros, é difícil separar as águas do Atlântico e do Mediterrâneo.



Fig. 9. Figura zoomórfica de terracota da Cachouça (Idanha-a-Nova)

3. Notas finais

A terminar, gostaríamos de destacar sucintamente o seguinte:

1) No Interior Beirão, os primeiros elementos de filiação mediterrânea — fíbulas, pinças, bronzes exóticos, ferros e vidros —, artefactos, estilo, tecnologia e novos simbolismos, inserem-se em contextos indígenas anteriores aos inícios do séc. IX a. C., que mais de duas dezenas de datações radiométricas ratificam. No Ferro Inicial, valendo a Cachouça o que vale, pela sua condição de caso único, essas ligações ao mundo mediterrâneo permanecem e reforçam-se, agora com cerâmicas a torno, elementos coroplásticos e maior diversidade de artefactos de ferro;

2) Esses primeiros ecos de um Mediterrâneo não fenício disseminam-se rapidamente do litoral para o interior, estando ainda por avaliar criteriosamente o peso de uma e de outra região; o quadro que conhecemos pode estar desfocado pela investigação, o que significa que é necessário escavar sítios da faixa atlântica; mas, se não estiver, cabe perguntar porque motivo as elites litorais não se interessaram tanto por essas novidades; e importa igualmente definir a face do Bronze Final alentejano e dessa rota interior ainda tão mal conhecida;

3) No interior beirão tais elementos não só não estão afastados do mundo quotidiano, como dele fazem parte — todos provêm de habitats — e nele terão ocupado, pelo número crescente de testemunhos, um papel menos episódico do que supúnhamos;

4) Para além do número, é importante sublinhar a sua distribuição por um conjunto assinalável de sítios disseminados por um amplo território, o que revela, a este nível, a existência de uma malha de distribuição razoavelmente equilibrada e, naturalmente, proporcional à dispersão dos indivíduos com capacidade de lhes chegarem e de competirem; enquadram-se, assim parece, num modelo de interacção entre unidades sócio-políticas autónomas;

5) Porém, essa importância numérica não pode ser confundida com abundância, ou seja, todos se pautam pelo seu carácter residual nos respectivos contextos; todavia, atingem distintos núcleos de forma recorrente, o que pressupõe a existência de rotas minimamente organizadas e, portanto, não podem ser vistos como um epifenómeno;

6) Esta relativa generalização de testemunhos mediterrâneos em sítios de habitat é de particular importância ao constatarmos que, noutros contextos indígenas e coevos da região — refiro-me aos designados “depósitos de bronze” —, eles estão sistematicamente ausentes, não são depositáveis. Neste sentido específico, os depósitos são bem conjuntos fechados e de resistência ao factor mediterrâneo;

7) Idêntica situação verifica-se nos contextos de carácter funerário conhecidos, seja o Monte de São Domingos, o Paranho, a Fonte da Malga e muitos outros que têm sido estudados nos últimos anos. Na Beira Interior esses elementos de pouco serviram aos mortos, mas, entre os vivos, faziam toda a diferença;

8) É que boa parte deles relaciona-se com a transformação do corpo, com o objectivo de se criar uma identidade diferente (Treherne, 1995, p. 111), no quadro de um novo “código simbólico de estética” (Ruiz-Gálvez Priego, 1998, p. 282);

9) Parece-nos que é também muito importante reter que a presença de tais artefactos não se confunde com as suas imagens, inscritas na pedra, embora estas ocorram igualmente; pelo contrário, existem objectos reais, manipuláveis, que se usavam, se exibiam, se negociavam;

10) Quer isto também dizer que me parece ser necessário relativizar a ideia de que os elementos de timbre mediterrâneo figurados nas estelas são inexistentes no registo arqueológico e que, por conseguinte, seriam mais aspirações das elites e utilizados como uma linguagem simbólica, do que parte da sua realidade (Galán, 1993). Uns sim, mas outros não. Os espelhos são bem exemplo disso, aparentemente confinados ao seu simbolismo expresso nas estelas. Mas, e voltando ao Alentejo, talvez o molde da Azenha da Misericórdia (Serpa) (**Fig. 10**) (Soares, 1996; Lopes *et al.*, 1997, p. 69) corresponda ao cabo galonado de um espelho, à semelhança dos cabos



dos espelhos figurados em determinadas estelas, nomeadamente da área andaluza (Cabez de Buey III, Magacela, Ecija I e II, etc.), mas também da Beira Interior, como se vê na estela de Baraçal II (Sabugal), recentemente estudada;

11) Importa também vincar o papel activo das comunidades beirãs, com capacidade de selecção e de rejeição. Nem tudo é assimilado, embora parte fosse conhecido nas regiões vizinhas. Por exemplo, nem as cerâmicas a torno, nem os artefactos de ferro e de vidro, nem os elementos zoomórficos coroplásticos, arrastaram consigo novas concepções arquitectónicas. Ao invés do que, na mesma época, ocorre no litoral e no interior alentejano, em que se passam a construir casas de planta rectangular, na Cachouça as habitações, de planta circular, não se diferenciam das do Bronze Final.

12) Até que ponto todas estas novidades — objectos, estilo, tecnologia, ideologia — terão afectado e interferido nos processos culturais indígenas? É muito difícil dar uma resposta segura e substanciada. Mas não nos parece que neles tenha radicado qualquer processo de transformação profunda;

13) Em conclusão, as Beiras, Alta e Baixa, sendo interiores, não estavam isoladas, nem foram marginalizadas, antes revelaram uma enorme “disponibilidade” de assimilação e capacidade de intervenção, num processo cultural de centrifugação/centripetação. E a sua preconizada periferia geográfica depende do ponto em que nos centramos. Nas redes e circuitos trans-regionais, de carácter pendular, entre o Atlântico e o Mediterrâneo, de finais do II- inícios do I milénio a. C., as Beiras não só foram o *contra-ponto activo* aos estímulos orientais veiculados pela Sardenha, com as suas criações próprias, que chegaram longe no Mediterrâneo, como se encontravam, afinal, num dos pontos certos, o angular, entre aqueles dois mundos.



Fig. 10. Molde de possível cabo de espelho da Azenha da Misericórdia (Serpa)

14) Quanto à Cachouça é, por ora, um enclave onde também chegaram influências mediterrâneas nos inícios da Idade do Ferro. A ideia de que a Beira Interior se distanciou desse mundo (Martín Bravo e Galán Domingo, 1998) que, de facto, dele se diferencia, deverá no entanto ser matizada pelos dados da Cachouça que poderão constituir apenas o início de uma realidade que importaria investigar em pleno e em articulação com prospecções dirigidas para sítios potencialmente contemporâneos com posterior escavação.

Coimbra, Setembro de 2005

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO GORBEA, M. (1989) - Arqueología e Historia Antigua: El proceso protoorientalizante y el inicio de los contactos de Tartessos con el Levante Mediterráneo. *Anejos de Gêrion*. II. pp. 277-288.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1992) - Los intercambios culturales entre Aragón y el Litoral Mediterráneo durante el Bronce Final. In *Aragón / Litoral Mediterráneo. Intercambios Culturales durante la Prehistoria. [Homenaje a Juan Maluquer de Motes]*. Zaragoza. pp. 633-658.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1993) - La introducción del hierro en la Península Ibérica. Contactos precoloniales en el período protoorientalizante. *Complutum*. 4. pp. 81-94.
- ARMBRUSTER, B.; PEREA, A. (1994) - Tecnología de herramientas rotativas durante el Bronce Final Atlántico. El depósito de Villena. *Trabajos de Prehistoria*. 51: 2. pp. 69-87.
- CÁCERES GUTIÉRREZ, Y. E. (1997) - Cerámicas y tejidos: sobre el significado de la decoración geométrica del bronce final en la Península Ibérica. *Complutum*. 8. pp. 125-140.
- CARDOSO, J. L. (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-História Recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. pp. 47-144.
- COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard, Publ. Centre Pierre Paris. 11. col. Maison Pays Ibériques. 20.
- FARINHA, A. C.; PINTO, C. V.; VILAÇA, R. (1996) - Contributo para o estudo de materiais do Bronce Final provenientes do Monte de S. Martinho (Castelo Branco). *Materiais*. II série, ano 1: n° 0. pp. 45-64.
- FEUGÈRE, M. (1989) - Les vases en verre sur noyau d'argile en Méditerranée nord-occidentale. In FEUGÈRE, M. (dir.) *Le Verre préromain en Europe occidentale*. Montagnac: Monique Mergoïl. pp. 29-62.
- GIL, F. B.; SENNA-MARTINEZ, J. C.; GUERRA, F.; SERUYA, A. I.; FABIÃO, C. (1989) - Produções metalúrgicas do Bronce Final do Cabeço do Crasto de São Romão, Seia: uma primeira análise. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Governo Civil do Distrito de Viseu. pp. 235-248.
- KARAGEORGHIS, V. (1990) - *Les Anciens Chipriotes*. Paris: Errance.
- LO SCHIAVO, F. (1991) - La Sardaigne et ses relations avec le Bronce Final Atlantique. In CHEVILLOT, C.; COFFYN, A. (dir.) *L'Age du Bronze Atlantique. [Actes du 1er Colloque du Parc Archéologique de Beynac]*, A.MU.SA: Beynac- et-Cazenac. pp. 213-226.
- LOPES, M. C.; CARVALHO, P. ; GOMES, S. (1998) - *Arqueologia do Concelho de Serpa*. Câmara Municipal de Serpa.
- LOPES, M. C.; VILAÇA, R. (1998) - Peça do Bronce Final proveniente do Pé do Castelo (Trindade, Beja). *Arquivo de Beja*. Série III. vols. VII-VIII. pp. 63-84.
- MAIA, M.; MAIA, M. (1986) - *Arqueologia da área mineira de Neves-Corvo. Trabalhos realizados no triénio 1982-84*. Somincor.
- MEDEROS MARTÍN, A. (1997) - Cambio de rumbo. Interacción comercial entre el Bronce Final Atlántico Ibérico y Micénico en el Mediterráneo Central (1425-1050 a.C.). *Trabajos de Prehistoria*. 54:2. pp. 113-134.
- MELO, A. A.; SENNA-MARTINEZ, J. C., (2000) - Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”: Alguns aspectos e problemas do Bronce Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa”. *Turres Veteres*. IV. [Actas de Pré-história e História Antiga], p. 95-118.
- PEDRO, I. (1995) - *O povoamento protohistórico na região de Viseu*. Porto: Faculdade de Letras (dissertação de mestrado, policopiada).
- PONTE, S. (2001) - *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-históricas e Romanas. Portugal*. Porto: Faculdade de Letras (dissertação de doutoramento, policopiada).



- PONTE, S.; VAZ, J. I. (1989) - Considerações sobre algumas fíbulas de Santa Luzia (Viseu) - seu contexto estratigráfico. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Governo Civil do Distrito de Viseu. pp. 181-188.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1986) - Navegación y comercio entre el Atlántico y el Mediterráneo a fines de la Edad del Bronce. *Trabajos de Prehistoria*. 43. pp. 9-42.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1993) - El occidente de la Península Ibérica, punto de encuentro entre el Mediterráneo y el Atlántico a fines de la Edad del Bronce. *Complutum*. 4. pp. 41-68.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995) - El significado de la Ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. In RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Complutum (extra 5). Madrid. pp. 129-155.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000a) - O Grupo Baiões/Santa Luzia no Quadro do Bronze Final do Centro de Portugal. In *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*. Governo Civil do Distrito de Viseu/Museu Nacional de Arqueologia. pp. 119-146.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000b) - O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final na Orla Atlântica: os dados do “Outeiro dos Castelos de Beijos” (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. pp. 43-60.
- SILVA, A. C. F.; SILVA, C. T.; LOPES, A. B. (1984) - Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). *Lucerna. [Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão]*. Porto. pp. 73-109.
- SOARES, A. M. (1996) - Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vípasca*. 5. pp. 103-116.
- SPINDLER, A.; BRANCO, A. C.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1973-74) - Le monument à coupole de l'âge du Bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. LVII. pp. 91-154.
- TARAMELLI, A. (1921) - Il ripostiglio di bronzi nuragici di Monte Sa Idda, Decimoputzu (Cagliari). *Monumenti Antichi*. XXVII. pp. 6-98.
- VASCONCELOS, J. L. (1933) - *Memórias de Mondim da Beira*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: IPPAR, 2 vols.
- VILAÇA, R. (1997) - Uma nova leitura para o Monte do Frade (Penamacor). *Conimbriga*. XXXVI. p. 27-44.
- VILAÇA, R. (2000) - Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. In FERREIRA, M. C. et al. (eds.) *Beira Interior. História e Património. [Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior]*. Guarda. pp. 31-50.
- VILAÇA, R. (2003) - Acerca da existência de ponderais em contextos do Bronze Final / Ferro Inicial no território português. *O Arqueólogo Português*. XXI. pp. 245-288.
- VILAÇA, R. (2004) - Ecos do Mediterrâneo no Monte de São Martinho (Castelo Branco): a propósito de um artefacto do Bronze Final. *Estudos de Castelo Branco*. Nova série. 3, Julho. pp. 3-16.
- VILAÇA, R. (2006) - Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. *Complutum*. 16. pp. 81-101.
- VILAÇA, R. (2007) - Todos os caminhos vão dar ao Ocidente: trocas e contactos no Bronze Final. *Actas do Colóquio A Arqueologia Portuguesa e o Espaço Europeu. Balanços e Perspectivas*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 15. Lisboa. pp. 135-154.
- VILAÇA, R. (2008) - Reflexões em torno da presença mediterrânea no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro. In CELESTINO PÉREZ, S.; RAFEL, N.; ARMADA, X.-L. (eds.) *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII ANE): La Precolonización a debate*. Escuela Española de Historia y Arqueología de Roma del CSIC, Série Arqueológica. Madrid. pp. 371-400.
- VILAÇA, R.; BASÍLIO, L. (2000) - Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova). *Al-madan*. II série: n.º 9. pp. 39-47.
- VILAÇA, R.; BECK, C.; STOUT, E. (2002) - Provenience analysis of prehistoric amber artefacts in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. 43. pp. 61-78.
- VILAÇA, R.; MONTERO RUIZ, I; RIBEIRO, C.; SILVA, R.; ALMEIDA, S. O. (2002-2003) - Tapada das Argolas (Capinha, Fundão): novos contributos para a sua caracterização. *Estudos Pré-históricos*. 10-11. pp. 175-197.
- VILAÇA, R.; CUNHA, E. (2005) - A Roça do Casal do Meio (Calhariz, Sesimbra): novos contributos. *Al-madan*. II série: n.º 13. pp.48-57.

